



Editora
UFPel

Anais da V Conferência da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica

Felipe Rocha L. Santos
José Leonardo Ruivo
Waldomiro José da Silva Filho
(Organizadores)

DISSERTATIO
FILOSOFIA

© **Série Dissertatio de Filosofia, 2018**

Universidade Federal de Pelotas
Departamento de Filosofia
Núcleo de Ensino e Pesquisa em Filosofia
Editora da Universidade Federal de Pelotas

NEPFil online

Rua Alberto Rosa, 154 – CEP 96010-770 – Pelotas/RS

Os direitos autorais dos colaboradores estão de acordo com a Política Editorial do NEPFil online. A revisão ortográfica e gramatical foi realizada pelos organizadores.

Primeira publicação em 2018 por NEPFil online e Editora da UFPel.

Dados Internacionais de Catalogação

N123 Anais da V Conferência da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica.
[recurso eletrônico] Organização: Felipe Rocha L. Santos, José Leonardo
Ruivo, Waldomiro José da Silva Filho – Pelotas: NEPFIL Online, 2018.
435p. - (Série Dissertatio Filosofia).

Modo de acesso: Internet

<<http://nepfil.ufpel.edu.br>>

ISBN: 978-85-67332-55-0

1. Filosofia Analítica. 2. Conferência. 3. Filosofia Contemporânea. I.
Santos, Felipe Rocha L. II. Ruivo, José Leonardo III. Filho, Waldomiro
José da Silva

COD 170



Para maiores informações, por favor visite nosso site wp.ufpel.edu.br/nepfil

- Noë, Alva. 2012. **Varieties of Presence**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Noë, Alva. 2004. **Action in Perception**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Peacocke, Christopher. 2001. “Does Perception Have a Nonconceptual Content.” **The Journal of Philosophy** 98 (5): 239–64.
- Peacocke, Christopher. 1992. **A Study of Concepts**. Cambridge: MIT Press.
- Rowlands, Mark. 2010. **The New Science of the Mind, From Extended Mind to Embodied Phenomenology**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Smith, Nicholas H., ed. 2002. **Reading McDowell: On Mind and World**. London and New York: Routledge.

A experiência consciente enquanto produto da memória¹

Glaupy Fontana Ribas

O objetivo do presente trabalho é contrapor duas teorias que buscam explicar quais processos neurais dão origem a experiência consciente. Em um primeiro momento apresentarei a teoria de Peter Carruthers, que afirma que o fluxo de consciência surge a partir da memória de trabalho. Posteriormente apresentarei a teoria de Matt e Bill Faw, na qual a consciência é equivalente a uma memória, surgindo, portanto, dos mecanismos formadores da memória episódica. Mesmo que ambas sejam teorias afirmem que a consciência surge a partir da memória, os mecanismos neurais da memória de trabalho e da memória episódica são bastante diferentes, o que acarreta em implicações muito distintas em ambas as teorias. Apresentarei também o relato de caso do paciente H.M., pois este serve para que possamos testar ambas as teorias e verificar qual delas consegue fornecer uma explicação plausível do caso. E, por fim, utilizando critérios como coerência teórica e embasamento empírico, argumentarei que a teoria de Peter Carruthers é a teoria que melhor explica os mecanismos geradores da experiência consciente.

¹ Autora: Glaupy Fontana Ribas. Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Filosofia Universidade Federal de Santa Maria

1. A consciência enquanto produto da memória de trabalho

Peter Carruthers traça a distinção entre os diversos tipos de consciência, como a consciência de acesso (aquela que gera os estados que são globalmente transmitidos e estão disponíveis para o relato do sujeito) e a consciência fenomênica (a qual se trata de como é a experiência para o sujeito). Na consciência de acesso acontece o que Carruthers chama de transmissão global, sendo este o processo através do qual qualquer tipo de estado mental se torna consciente para o sujeito; esse processo acontece quando um estado que está em áreas corticais pré-conscientes é alvo da atenção, e então se torna disponível para processamento consciente.

O processo de transmissão global é efetuado pela memória de trabalho, sendo que esta funciona como um *global workspace* que combina vários tipos de processos, como computação de representação, planejamento, tomada de decisão, foco da atenção, etc., de modo a produzir uma representação atual e contextualizada da realidade para que possamos responder comportamentalmente a ela. Assim, a memória de trabalho seria a responsável por efetuar a transmissão global e tornar os estímulos, tanto internos quanto externos, conscientes para o sujeito, pois é nela que são sustentadas e manipuladas as representações de tais estímulos.

O que torna possível que uma informação seja transmitida globalmente é o foco fornecido pela atenção, assim, quando prestamos atenção a um estímulo, ele pode ser transmitido, caso ele passe despercebido pela atenção, ele não é transmitido e não se torna, portanto, consciente. Dessa forma, temos o *acesso local* (quando um estímulo ainda não foi focado pela atenção e não está sendo transmitido globalmente, e o *acesso global*, que é quando esse estímulo é enviado para diversas áreas cerebrais e torna-se acessível para o indivíduo.

Existem atualmente três teorias que abordam a relação entre a consciência de acesso e a consciência fenomênica. A primeira delas afirma que são dois conceitos que, na ontologia, se referem à mesma propriedade, ou seja, duas formas de nomear a mesma coisa. A segunda afirma que os conceitos se referem a propriedades diferentes, mas que ambas as propriedades são co-instanciadas no cérebro. E a terceira afirma que a consciência de acesso e a consciência

fenomenal são conceitos diferentes, e, além disso, ontologicamente são propriedades diferentes. Me posicionarei a favor da primeira dessas teorias, dado que a consciência de acesso é um processo consciente, e qualquer estado consciente vem acompanhado de uma experiência subjetiva, com representações ricas de aspecto fenomênico.

2. A consciência enquanto produto da memória episódica

Matt Faw e Bill Faw (2016) se propõem a apresentar um modelo de como acontece a *experiência subjetiva neurotípica* (NSE), sendo esta a experiência subjetiva de indivíduos neurologicamente intactos.

O cérebro possui várias áreas especializadas em funções diferentes. Um grupo de áreas que tem alta comunicação entre si é chamada de *rede*, e duas principais redes são aquela que é responsável por assuntos extrínsecos (relação do sujeito com objetos e eventos de “fora da mente”) e aquela que é responsável por assuntos intrínsecos (eventos mentais: pensamentos, imaginação, etc.).

A *default mode network* (DMN) é a rede responsável pelos estímulos intrínsecos, pois é ativada quando não está havendo tarefas orientadas pelo mundo. Ela é responsável pela apreensão de conceitos, planejamento de tarefas, rever memórias, figurar o passado, antecipar o futuro, sonhar acordado, etc. A *extrinsic network* (EN) é a rede composta pelos departamentos extrínsecos, e ela lida com o mundo exterior: *inputs* sensoriais (as informações que vêm dos cinco sentidos), *outputs* motores (resposta comportamental ao estímulo, tais como fala e movimento), e é também conectada ao departamento da atenção, aquele decide em quais estímulos devemos pôr nosso foco. Os níveis mais altos da hierarquia de processamento relatam de volta para as simples para a correção de erros. O que é processado pelas diversas áreas do cérebro é, então, mandado para o HC (*hippocampal complex*, ou com complexo hipocampal), que é responsável pelo armazenamento dessas informações, ele conecta todas elas e as organiza em um “pacote de dados”, que não é nada além do engrama da memória episódica, engrama esse que é então, armazenado. O engrama possui uma grande quantidade de informações (conclusões advindas de várias áreas do cérebro para o HC) codificadas em um esquema de *pointers* que funciona como *hyperlinks*, sendo

que estes fazem a conexão com as áreas que criaram essas conclusões. Quando esses engramas do hipocampo são ativados, eles trazem um evento de volta para a mente, ou seja, o ato de relembrar acontece quando esses *pointers* ou *hyperlinks* reativam as áreas corticais que estavam ativas durante a experiência original, causando o ato de “reviver”.

Os autores afirmam que

A hipótese central do artigo é que a relação bilateral entre o HC e as outras redes é um *loop de feedback* contínuo. Tanto as memórias antigas como as recém formadas são mandadas de volta para os departamentos que as geraram permitindo correção de erros e processamento preditivo, o qual prepara as várias regiões para os cálculos dos próximos momentos. Assim como no ato de relembrar, é a ativação desses departamentos que dá origem à sensação de experienciar. Assim, nesta teoria, é o engrama da memória episódica que carrega a informação que dá origem à NSE. O HC é o como um arquivo e a recuperação do governo central, mas também o que transmite as informações para o resto do cérebro. Ele une todas as informações que recebe e manda essa nova história (que é o engrama) para ativar a DMN e EN. Essa reativação, acreditamos, é equivalente ao que pessoas neurologicamente intactas conhecem como “experiência subjetiva”. (FAW, FAW, 2016, p. 4, tradução nossa).

Os autores reiteram que há uma distinção relevante entre o relatório e o que está sendo relatado, por exemplo: quando vemos vermelho, isso acontece porque um cone da retina é ativado quando atingido por um determinado comprimento de luz, e então esse cone envia um relato para o cérebro; ele não envia nada vermelho para o cérebro, ele envia um “pacote de dados” que o cérebro decodificará como significando vermelho. Há, portanto, uma distinção entre a *informação neural que a ativa a experiência* – o que eles chamam de engrama da memória episódica – e o *evento de experienciar em si* – que é a NSE. O engrama da memória episódica é o relatório do complexo hipocampal, e a ativação desse engrama é o que causa a NSE; ou seja, o processamento neural é a causa da experiência, não é a experiência em si.

3. O caso empírico do paciente H.M.

Um caso teste para ambas as teorias é o caso do paciente H.M., que teve quase todo seu hipocampo removido cirurgicamente devido à epilepsia. Ele não consegue formar uma simulação detalhada da realidade, como navegar no espaço mentalmente, fazer projeções futuras, imaginar e ensaiar comportamentos para situações sociais; ele também não possui a capacidade de formar novas memórias (amnésia anterógrada), e nem recordar memórias antigas (amnésia retrógrada).

Apesar de estar desperto, interagir com a realidade e com as outras pessoas, saber de seus estados internos e ter um curto senso de continuidade, Faw e Faw propõem que H.M. não possui NSE, dada a sua falta de hipocampo. Pois, mesmo que do ponto de vista de um observador externo esses fatores nos levassem a afirmar que H.M. é um ser consciente, de acordo com a teoria, nenhuma dessas características faz parte da NSE. Os autores afirmam que a “experiência” que ele possui é diferente da experiência daqueles indivíduos que possuem hipocampo; ele possui somente o relatório de redes primárias de processamento neural, enquanto que aqueles indivíduos que possuem os relatórios do hipocampo possuem a ativação cortical causada por um tipo específico de informação neural (engrama). Essa ativação *representa* subjetivamente processos como capacidade de resposta, personalidade, etc., mas não deve ser confundido com tais processos” (FAW, faw, 2017, p. 12, grifo do autor, tradução nossa). Ou seja, mesmo que os processos ocorram, H.M. não possui representação subjetiva dos mesmos, não possui consciência fenomenológica.

Quanto à hipótese de Matt e Bill de que a ativação neural causada pelo engrama da memória episódica gera a experiência consciente, argumento que esta é uma hipótese corajosa, mas ela vai de encontro aos estudos das ciências empíricas, que afirmam que tal ativação causa o processo de relembrar ou evocar uma memória. E neste processo lembramos de uma memória *enquanto* memória, pois ela se apresenta para o sujeito como tendo acontecido no passado, e não como se fosse a experiência no tempo presente.

Já na teoria de Carruthers o fluxo de consciência acontece na memória de trabalho, e esta é intocada, tanto pela amnésia retrógrada, quanto pela anterógrada. Inclusive é o caso que pacientes com ambos os tipos de amnésia tem seu funcionamento restrito ao funcionamento da memória de trabalho, já que eles

não podem formar novas memórias.

A memória de trabalho não é um tipo genuíno de memória, pois ela não envolve aquisição, armazenamento e evocação de informação (que são os critérios das ciências cognitivas para definir algo como memória), assim, a memória de trabalho não tem como função armazenar informação, ele é somente um espaço onde *representações* são mantidas e manipuladas.

A memória de trabalhado combina a atenção, memórias de curto e longo prazo, recuperação [de memórias], computação de representação, planejamento e tomada de decisão, para produzir *representações* internas de curto prazo direcionadas para um objetivo” (DUDAI, 2002, p. 249, tradução nossa, grifo nosso).

Assim, a experiência de H.M. é descontextualizada em relação ao passado, e sem prospecção detalhada em relação ao futuro, mas dentro dessa teoria, não precisamos afirmar que o paciente H.M. não possui experiência consciente para conseguirmos manter a coerência da teoria. A experiência que H.M. tem é deficiente, porém ele possui experiência consciente, e esta é advinda das representações que estão na memória de trabalho.

Conclusão

Após avaliação das teorias, onde tive como critérios coerência teórica e embasamento empírico, argumento que, apesar das grandes similaridades no embasamento empírico de ambas as teorias, Carruthers possui um sistema teórico mais coerente. A reativação cortical proposta por Matt e Bill Faw é melhor entendida como a causa da recordação de uma memória, e não como a experiência em si. Quanto ao paciente H.M., concluo (seguindo as ciências cognitivas) que o mesmo não possui a capacidade de recordar pois não possui hipocampo para ativar as áreas corticais necessárias para a recordação, e concluo também (a partir de Carruthers) que ele possui experiência consciente advinda da memória de trabalho.

Referências

CARRUTHERS, P. **The centered mind**: what the science of working memory shows us about the nature of human thought. New York: Oxford University Press,

2015.

FAW, M.; FAW, B. Neurotypical subjective experience is caused by a hippocampal simulation. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science**, [S.l.], 21 set.

2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1002/wcs.1412>>. Acesso em: 29 set. 2016.

Conteúdo perceptivo, particularidade e identidade fenomenal

José Gladstone Almeida Júnior

Tomando como ponto de partida a ideia comum à corrente representacionista em Filosofia da Mente de que as experiências conscientes perceptivas desempenham a função de transmitir informações ao indivíduo que as instancia por meio de representações dos objetos, propriedades e relações do mundo, este artigo objetiva analisar três concepções acerca do conteúdo de tais experiências. São elas: (1) conteúdo singular, concepção segundo a qual os objetos percebidos são eles mesmos parte do conteúdo das experiências; (2) conteúdo existencial, que afirma que estes conteúdos são melhor compreendidos como proposições existenciais, não tomando os objetos particulares como seus constituintes; (3) conteúdo lacunar, de acordo com a qual os conteúdos perceptivos se caracterizam como uma espécie de função proposicional não saturada que é preenchida somente em casos de percepções verídicas. Estas concepções serão analisadas de modo a esclarecer as respostas fornecidas por elas para o problema da ilusão perceptual e o problema da alucinação perceptual. Por fim, será considerado até que ponto estas concepções se adequam aos dois desideratos da metafísica da percepção denominados por Schellenberg de desiderato da particularidade e desiderato da identidade fenomenal.

An argument from the phenomenology of time in favor of an anti-representational account of the predictive processing framework

Juan Camilo Espejo Serna